

---

FUELLENBACH, John: *Igreja: Comunidade para o Reino*. São Paulo: Paulinas, 2006. 257 pp., 22,8 X 15, 5 cm. Col. Ecclesia XXI. ISBN 85-356-1670-5.

---

O livro caracteriza-se como típico manual de eclesiologia de um professor da Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma com sua riqueza e limites. O A. conjuga a dupla experiência de missionário nas Filipinas e atualmente de docência numa universidade romana. Livro claro, didático, atualizado, sem arrojo e sem posições de fronteira. Reflete consciência aberta tanto em face da eclesiologia de comunhão, trabalhada nas últimas décadas por teólogos anteriores e posteriores ao Vaticano II, quanto das experiências novas de comunidades eclesiais de base. Articula-as na relação com o Reino. Daí lhe vem o título do livro.

Antes de tudo, ocupa-lhe a compreensão da Igreja a partir do Reino em cuja presença hoje ela encontra a própria identidade. Trata-se de uma comunidade organizada sob princípios católico-romanos e a eles conduz. Em seguida, o A. esclarece os pressupostos fundamentais sobre os quais baseia a reflexão. São quatro: a distinção entre salvação individual e a necessidade da existência de uma Igreja, a salvação ligada à comunidade, o ser cristão como um chamado à missão e o sentido das “chaves do Reino” dadas a Pedro. Ainda numa reflexão introdutória, expõe concisamente as relações essenciais entre Jesus, o Reino, a Igreja e Israel. A partir do horizonte de criação e de mundo entende o plano salvador de Deus em relação com o qual o Reino, Jesus e a Igreja se compreendem.

O livro divide-se em duas grandes partes. Na primeira parte, conceitualiza a Igreja a partir da Escritura e do Concílio Vaticano II. No referente à parte bíblica, restringe-se à questão fundamental da relação entre Igreja e Jesus. Insere-se no movimento da volta ao Jesus histórico na perspectiva do seguimento. Antes, porém, enucleia perspectivas bíblicas no tocante a Israel, ao Reino e em seguida à Igreja. Assinala o caráter singular de Deus guiar a humanidade mediante a escolha de um povo particular, como sinal e instrumento para alcançar tal objetivo. Aí está a história do êxodo.

Referente ao Jesus histórico retoma a clássica afirmação de que Jesus pregou o Reino e se pergunta então como surgiu a Igreja. Questão que Loisy levantara no início do século passado. “Jésus annonçait le Royaume et c’est

l'Église qui est venue". Aponta o caminho da compreensão do Reino mediada pela Igreja. Nesse contexto, trata da questão de Jesus e a fundação da Igreja. Expõe as posições comuns na atualidade sobre ela, entre as quais as de H. Küng, K. Rahner, G. Lohfink, R. McBrien, W. Kirschläger e L. Boff. O A. conclui com posição relativamente provocante, ao citar J. Gnilka: "A Igreja teve sua origem na morte e ressurreição de Jesus, através da obra do Espírito Santo. Ela continua a ser uma entidade provisória. O que tem caráter último é o Reino de Deus".

Em capítulo ulterior, o A. dedica-se a estudo um pouco mais detalhado respeito ao ensinamento do Concílio Vaticano II sobre a Igreja, sobretudo nas duas constituições *Lumen gentium* e *Gaudium et spes*, sem deixar de lado a Encíclica de Paulo VI *Ecclesiam suam*. O Concílio não definiu a Igreja com conceitos claros. Recuperou imagens bíblicas como "novo povo de Deus", "corpo de Cristo", "templo do Espírito Santo". A categoria "povo de Deus" traduz a eleição gratuita da parte de Deus, o aspecto comunitário, a dimensão igualitária, o caráter peregrino. Por sua vez, "corpo de Cristo" reata laços com a teologia paulina. Diante dos ensinamentos da encíclica *Mystici corporis* de Pio XII (1943), o Concílio adota posição flexível, evitando tanto o risco de tornar as estruturas da Igreja divinas e imutáveis, como de afirmar que o corpo de Cristo existe somente na Igreja católica romana. A perspectiva paulina sugere três aspectos: a dependência total da Igreja em relação ao corpo crucificado e ressuscitado de Cristo; serviço corporal em prol de outros seres humanos nas pegadas do Senhor e em união com ele; ideia da unidade e harmonia de todo o corpo. E a terceira imagem relaciona a Igreja com o templo do Espírito. Nela se acentua a dimensão carismática, pneumática da Igreja. O Espírito a constitui e lhe dá vida, carisma e coragem missionária.

Prosseguindo o estudo da eclesiologia do Vaticano II, o A. desenvolve os tópicos: a Igreja como Igreja católica, como congregação local, como comunidade dos batizados, sua referência ao povo de Israel, de Abel em diante e sua condição de Igreja doméstica.

Termina essa primeira parte retomando o eixo central: a Igreja no contexto do Reino. Parte do pressuposto fundamental, visto no início, da Igreja em relação ao mundo e ao plano de salvação de Deus. Ela não se identifica com o Reino, mas este se faz presente nela.

A. Dulles trabalhou, em alguns escritos, a categoria modelo, ao usá-los em relação à Revelação e à Igreja. O A. insere-se nessa linha de pensamento. Antes de tratar diretamente da conceitualização de modelo e de expor diversos modelos eclesiológicos, fez breve preâmbulo sobre o caráter mundial da Igreja, a partir de uma afirmação de K. Rahner. Pela primeira vez, de maneira formal, o Concílio Vaticano II foi um concílio da Igreja mundial. De fato, as épocas anteriores conheceram o cristianismo judaico, em seguida a comunidade cristã gentia liberta da lei judaica. E agora se faz

a transição de uma Igreja ocidental para uma Igreja mundial. Afetam-na megatendências: um surto das identidades culturais, a globalização, o reavivamento religioso, as comunidades eclesiais de base, a questão da estrutura ministerial da Igreja.

O A., embora reconheça que o conceito de modelo se emprega primordialmente no universo das ciências empíricas, julga aceitável o uso em teologia. A Escritura e a Tradição, ao ser encaradas como dados, aproximam a teologia de uma ciência empírica, conforme escreveu B. Lonergan. O pensamento por modelos evita transformar conceitos e símbolos em ídolos. O A. mostra as vantagens epistemológicas do modelo.

Passa em revista os vários modelos eclesiológicos trabalhados por A. Dulles na era pós-conciliar tanto no livro *Models of Church* quanto em outra obra posterior *A Church to believe In: Discipleship and the Dynamics of Freedom*. Neste último, Dulles apresenta um modelo menos conhecido na teologia: a Igreja como comunidade de discípulos. Depois de expô-lo brevemente, o A. retoma os modelos clássicos desenvolvidos pelo próprio Dulles no livro *Models of Church: Igreja como instituição, Igreja como comunhão, Igreja como sacramento, Igreja mensageira e Igreja serva*. Submete todos eles a sua apreciação crítica.

Nos dois últimos capítulos do livro, o A. examina a presente situação eclesial na polaridade de dois movimentos: um de globalização e outro de localização em contraste com o anterior com seus respectivos problemas. Vê aí presentes dois modelos: o modelo tradicional hierárquico e o modelo de Comunidades eclesiais de base.

Apesar da diversidade das experiências de CEBs, cabe falar de um modelo de Igreja. Apoiado sobre estudos de teólogos do III Mundo (América Latina, Ásia, África), o A. desenvolve o modelo eclesiológico de CEBs. Vê como pano de fundo do Novo Testamento as Igrejas domésticas e como pano de fundo teológico a concepção conciliar de Igreja local. Descreve a experiência das CEBs, sobretudo no mundo dos pobres, os problemas que enfrentam, a renovação paroquial que produzem, os ministérios que nelas surgem. Pergunta pela viabilidade futura desse modelo. Malgrado as dificuldades e oposições, há autores otimistas que apostam nelas a partir de fatores subjetivos e objetivos. Conclui com a necessidade de uma espiritualidade de CEBs.

Em seguida, expõe o modelo de Igreja proposto pelos irmãos G. e N. Lohfink: Igreja como sociedade contrastante. Ainda que o termo não seja bíblico, a realidade que traduz reflete a maneira de Deus pensar o seu Povo em contraste com os outros povos. Assim a Igreja primitiva se entendeu em relação ao ambiente social à sua volta. E, hoje, a Igreja pode ser uma sociedade contrastante? Tal atitude não significa que ela se posicione adversa e separada do mundo, mas que lhe mostre exigências de supera-

ção do que a sociedade realmente vive. O aspecto contrastante revela dimensão profética, ao responder ao projeto de Deus para a humanidade.

E o livro termina com o tema da missão da Igreja no tríplice ministério de proclamar em palavra e sacramento o Reino de Deus manifestado na pessoa de Jesus de Nazaré, de criar comunidades eclesiais e de engajar-se num diálogo com o mundo e com as outras tradições religiosas. Ao cumprir tal missão, a Igreja torna o Reino de Deus presente no mundo como realidade já existente e como anúncio da plenitude a realizar-se na eternidade de Deus.

A eclesiologia apresentada respira ares novos. Apoia-se muito sobre a vida real da Igreja no mundo de hoje, percebendo os desafios, as experiências bem sucedidas, as remoras. Examinando a bibliografia, percebe-se que o A. frequenta quase exclusivamente a literatura em inglês. Conhece alguns autores latino-americanos nas obras traduzidas. Isso o impediu de conhecer excelente bibliografia sobre CEBs que se encontram em português e espanhol, sobretudo as que resultaram dos Encontros Intereclesiais de CEBs.

A parte prospectiva se restringe a perceber algumas experiências novas que surgem, mas não as prolonga para horizontes até então imperscrutáveis. Cumpre bem a função de bom manual de eclesiologia, ao oferecer aos alunos da Universidade Gregoriana panorama amplo da Igreja para além dos moldes europeus.

*João Batista Libanio SJ*

---

CARMODY, Timothy R.: *Como ler a Bíblia*: Guia para estudo. Tradução do original inglês de 2004 por Joshuah Soares. São Paulo: Loyola, 2008. 342 pp., 22,5 X 16 cm. ISBN 978-85-15-03589-2.

---

O A. é doutor em Ciência Bíblica pela Catholic University of America e professor no Spring Hill College (Alabama). O livro nasceu da experiência de mais de 15 anos de docência na área bíblica. Daí seu caráter de manual didático destinado a um público que não teve oportunidade de estudos acadêmicos sobre a Bíblia. A obra propõe-se: a) oferecer informação sobre a Bíblia como um todo bem como sobre suas diferentes partes, com seus respectivos contextos sócio-históricos e religiosos; b) ensinar métodos de interpretação do texto bíblico; c) dar exemplos de como empregar os conhecimentos básicos para examinar textos seletos com certo grau de profundidade.

Dos 10 capítulos, três são introduções: uma à leitura bíblica em geral (cap. 1); outra, ao Antigo Testamento (cap. 2); e a terceira, ao Novo Testamento (cap. 7).

A introdução geral à leitura da Bíblia sob a ótica da fé (cap. 1) aborda temas como a relação entre Bíblia e Palavra de Deus, o processo da sua

formação e o do estabelecimento do cânon, os gêneros literários presentes nos livros bíblicos, a relação da Bíblia com a história e ainda algumas sugestões para o estudo e o uso da Bíblia.

Após a respectiva introdução, os livros do Antigo Testamento são tratados em quatro blocos (correspondendo cada bloco a um capítulo). Os blocos são organizados levando-se em conta a tradicional divisão assumida pela Septuaginta, ou seja, Pentateuco (cap. 3), Livros Históricos (cap. 4), Livros da Sabedoria (cap. 5) e os Profetas (cap. 6). Em cada capítulo, o A. apresenta a introdução ao bloco textual correspondente seguido do estudo de algumas perícopes seletas. Por exemplo, no caso do Pentateuco, o A. trata de Gn 2-3 (pré-história mítica), Gn 27 (Jacó e Esaú), Ex 21 e 34, Lv 20 e Dt 5 (a Lei). Também no capítulo sobre os Profetas, o A. aborda apenas Is 6, algumas perícopes de Jeremias e de Daniel.

O mesmo procedimento encontramos nos capítulos referentes ao Novo Testamento. Após a introdução (cap. 7), há três partes: Evangelhos e Atos dos Apóstolos (cap. 8), com o estudo de trechos de Mateus e de João; Cartas de Paulo (cap. 9), com o estudo de Rm 3 e 1Ts 4; e, por fim, os Escritos Posteriores (cap. 10), com o estudo de 1Pd 3 e Ap 14.

O estudo das perícopes seletas segue sempre um esquema tripartite: “o mundo por trás do texto”, ou seja, o mundo que gerou o texto (ambiente social, cultural, histórico, religioso do autor e do seu público); “o mundo do texto”, ou seja, as características do texto como tal (sua linguagem, seu gênero literário); e, finalmente, “o mundo diante do texto”, ou seja, o efeito do texto sobre seus leitores. Esse esquema é explicado mais detalhadamente nas pp. 23-27 do cap. 1, quando o A. discorre sobre o sentido da Bíblia.

Fazendo jus ao seu caráter de manual didático, no final de cada capítulo são apresentados os conteúdos e/ou habilidades que o leitor/estudante deveria ter alcançado. Por exemplo, no final do cap. 4, sobre os livros da Sabedoria, o A. explicita que o leitor deveria poder (entre outros): “ler e apreciar uma tradução em vernáculo da poesia hebraica e identificar os diferentes tipos de paralelismo e a estrutura do quiasma; descrever a estrutura de Jó, discorrer sobre a crítica que Jó faz da teologia deuteronomística; explicar como funciona o gênero de provérbios”.

Ainda no final de cada capítulo, o A. oferece uma breve lista de leituras recomendadas a respeito dos temas tratados. Infelizmente, essa bibliografia está em inglês, não sendo de fácil acesso para o leitor brasileiro ao qual a obra em questão pretende atingir. Teria sido interessante que a edição brasileira apresentasse sugestões de livros em português disponíveis nas bibliotecas e livrarias brasileiras.

Um limite da obra encontra-se na introdução ao Pentateuco. O A. apresenta inicialmente a hipótese documentária estabelecida classicamente por

Wellhausen. Em seguida, comenta as críticas que posteriormente foram feitas a essa hipótese e as novas elaborações propostas para a história da formação do Pentateuco. Contudo, o A. não deixa de seguir, fundamentalmente, o esquema da hipótese documentária, mesmo que não fale mais de “documentos”, e sim de “tradições” ou “fontes” (cf. p. 59). Talvez teria sido melhor assumir, com humildade, a situação atual da pesquisa sobre esse tema, a qual, de fato, tem mais questões e incertezas do que hipóteses mais elaboradas. Em certo sentido, o A. “ameaça” fazê-lo, quando, na p. 54, afirma: “Nos últimos vinte anos, a desilusão quanto a esta hipótese tornou-se cada vez maior”. Contudo, Carmody acaba não dando o passo e volta à apresentação de teorias “práticas”, mas hoje já superadas.

Outro limite é a falta do recurso a mapas (há apenas um, pouco expressivo, na p. 274) e ilustrações como suporte didático ao conteúdo dos capítulos. Um livro de caráter introdutório e com pretensões didáticas deveria oferecer esse tipo de informação. Nas pp. 335-342, contudo, encontra-se um glossário de termos e nomes mais correntes nos estudos bíblicos.

Por fim, é justo afirmar que o estudo das perícopes seletas com base no esquema tripartite acima exposto é bastante interessante como exemplo de como se pode trabalhar, com proveito, o texto bíblico. Esse é o grande trunfo do livro e deve ter justificado a decisão de sua tradução para o português. No que diz respeito, contudo, à apresentação atualizada, breve e completa de informações para uma primeira aproximação mais acadêmica à Sagrada Escritura, a obra não supera, por exemplo, o livro de J. Konings *A Bíblia nas suas origens e hoje*, Vozes (6ª ed., 2006).

Claudio Paul SJ

---

BONY, Paul: *Saint Paul*. Paris: L'Atelier / Ouvrières, 2008. 1 vol. br. 221 pp., 23 X 17 cm. ISBN 978-27-08-24004-9.

---

Paul Bony é da congregação de S. Sulpice, Paris, professor de exegese bíblica do Institut des Sciences et Théologie des Religions de Marseille. Publicou *La Résurrection de Jésus* em 2004, *L'Église et les Pauvres* em 2001, e *La Première épître de Pierre: Chrétiens en diaspora*, em 2004. Porém sua especialização não são os Escritos Paulinos.

Uma introdução (p. 5-8) aparece no início do livro sem esta denominação, mas no índice final aparece como “Introduction générale: Saint Paul, Israël et les Nations”. O livro, portanto, trata desta tríplice temática. Tanto a hesitação sobre o título quanto este desacordo sobre a introdução revelam uma insuficiente revisão final da obra, revisão que teria alertado para uma organicidade temática igualmente insuficiente no conjunto do livro, como se verá em alguns detalhes abaixo.

Uma primeira parte apresenta três capítulos sobre as viagens, a conversão do perseguidor em apóstolo, seu Evangelho e suas Igrejas.

A segunda parte trata da evangelização e problemas teológicos de Corinto, a partir, principalmente, de 1 e 2Coríntios. Tal temática teológica segue esta ordem: o corpo dos ressuscitados, o Espírito e o Corpo de Cristo, a palavra da Cruz e o ministério apostólico.

A terceira parte é sobre o Evangelho de São Paulo: ele se desdobrou para convencer seus ouvintes de que era realmente um apóstolo como os demais, e como seu Evangelho era verdadeiro e não totalmente diferente do querigma dos demais apóstolos que conviveram com Jesus. Seguem-se a questão da justificação do homem por parte de Deus, do Evangelho e a liberdade a partir de Gálatas, e um interessante capítulo sobre a “mística de São Paulo” em vários aspectos da Cristologia e Antropologia paulinas.

A quarta parte retoma a questão da justiça de Deus, agora em relação aos judeus que rejeitam o Evangelho de São Paulo (Rm 1-8) e a esperança que o apóstolo nutre da conversão de Israel (Rm 9-11).

Um epílogo, “Après Paul” trata de duas epístolas consideradas pelos exegetas como deuteropaulinas: Colossenses e Efésios. A função de um epílogo não é esta, pois seu conteúdo deve ser o fechamento dos assuntos tratados antes sob pontos de vista novos e cativantes. O estudo sobre Colossenses e Efésios deveria constituir um outro capítulo, justificando a presença destas epístolas, assim destacadas, pelo fato de serem deuteropaulinas tematicamente relacionadas e originadas num *Sitz im Leben* em parte comum às duas.

A Conclusão tem o título “Le Christ de Paul”, que na verdade é uma síntese rápida da cristologia paulina, e não uma conclusão propriamente dita da obra em seu todo. A função da conclusão de um livro não é esta, mas outra: dar uma síntese dos resultados obtidos ao longo do estudo precedente, mostrando ao leitor que o material prometido na introdução se encontra confirmado aqui. Nesta conclusão o autor traz vários tópicos, sem pretensão de completeza, nem de síntese da obra como um todo. São os seguintes: “Le Christ sans privilèges” (p. 209-211); “Un Christ du passage” (p. 211-212); “Un Christ, nouvel Adam” (p. 212-213); “Le Premier-Né d’une multitude de frères (Rm 8,29)” (p. 213-214); “Le Premier-Né de toute créature” (Cl 1,15), onde omite o Cristo imagem de Deus invisível (p. 214-215). Os títulos de Jesus (Cristo, Senhor, Filho de Deus, Salvador), portanto, não fazem parte desta síntese, porque, supõe-se, seu tratamento criaria dificuldades aos leitores pela complexidade do método e teologia.

Uma bibliografia selecionada é indicada para os leitores que desejarem aprofundar este estudo. Mas o autor mesmo não menciona tais obras em suas notas de rodapé. Esta bibliografia é muito reduzida e de fácil acesso para leitores franceses.

Um breve léxico é dado como que um apêndice (p. 219-220), revelando, enfim, o público visado pelo autor: pessoas que procuram um primeiro contato com a biografia, cartas e teologia de São Paulo. Portanto não se trata de uma obra acadêmica, nem de um manual científico ou especializado na teologia paulina. Neste sentido entende-se porque o autor apenas se orienta pelos textos bíblicos que cita ao longo da obra, não se referindo, quase nunca, aos autores da bibliografia que sugere aos seus leitores. Percebe-se bom conhecimento da matéria, embora o autor não seja especialista em São Paulo.

Algumas passagens que merecem ser destacadas estão no capítulo 11: “La mystique de l’Apôtre Paul”, título emprestado de Albert Schweitzer, para dizer, porém, outra coisa propositalmente. Neste capítulo o autor faz uma síntese teológica do relacionamento do cristão com Cristo, de modo geral e útil. No entanto aspectos espirituais pessoais de São Paulo aparecem mais no capítulo 7: “L’apôtre, image du Crucifié”, em que o centro desta espiritualidade peculiar de São Paulo parece se encontrar, acertadamente, em 2Cor 11,16 – 12,10: “la puissance du Christ dans la faiblesse de l’apôtre”, tema que Stanislas Lyonnet desenvolvera com maestria em seu opúsculo *Initiation à la Doctrine Spirituelle de Saint Paul: Dix Méditations sur le Texte des Epîtres*, Paris: Prière et Vie, 1968.

As questões mais polêmicas e frequentes da teologia paulina são evitadas a seus leitores, porque principiantes: nenhum comentário aprofundado é feito sobre a questão da mulher na visão de São Paulo, nenhuma discussão sobre a autenticidade das cartas que no livro são consideradas em seu todo, sem mais comentários. As Pastorais não foram comentadas no livro. Nenhuma palavra sobre a história da interpretação dos Escritos paulinos nos últimos decênios aparece na obra, embora seus leitores pudessem ter aí motivação para um estudo posterior, pelo estímulo que esta informação significa, depois de decênios de aborrecida concentração no onipresente tema da justificação pela fé na exegese protestante. É esclarecedor o trato que o autor dá à questão da “justiça” e “justificação” (p. 96-97; 116-127); é interessante a resposta de São Paulo aos gregos e judeus a propósito da cruz de Cristo de 1Cor 1,22-25, suficientemente desenvolvida para iniciantes. É bom o estudo sobre a Lei, cujo vigor foi ultrapassado pela Nova Aliança em Cristo (capítulo 10, p. 128-141). Porém é surpreendente a ausência da Escatologia paulina, embora sobre a ressurreição dos mortos um comentário a 1Cor 15 apareça no capítulo 4: “Le corps et la résurrection”.

A leitura do livro é facilitada pela fluência e clareza com que o autor expõe sua matéria. A impressão é de que tal obra resultou de cursos ou palestras anteriores para um público ainda pouco habituado a ler São Paulo, embora interessado nas linhas gerais de sua teologia. Esta obra, portanto, é recomendada para leigos e estudantes de graduação em teologia.

Valdir Marques SJ



---

FABRIS, Rinaldo: *Tutto per il Vangelo: La personalità, il pensiero, la metodologia di Paolo di Tarso*. Cinisello Balsamo (Milano): Edizioni San Paolo, 2008. 1 vol. br. 107 pp., 11 X 18 cm. ISBN 978-88-215-6304-1.

---

Se alguém procurasse, neste Jubileu Paulino em 2008-2009, um pequeno manual introdutório a Paulo de Tarso e sua teologia, encontraria neste livreto o material suficiente para uma abertura segura aos Escritos Paulinos.

Rinaldo Fabris, nascido em Pavia, Udine, em 1936, doutor pelo Instituto Bíblico de Roma, é um dos mais profícuos e conhecidos especialistas em estudos bíblicos e também em teologia paulina; uma das mais profundas de suas obras é *Paolo: l'apostolo delle genti*, Roma: Edizioni Paoline, 1997, de 623 páginas.

Entre um breve prefácio e uma breve conclusão, o livro tem seis breves capítulos e uma bibliografia reduzida, mas muito bem selecionada. O A. vai ao essencial, com concisão, completeza e clareza. Este não é um autor que lance hipóteses verossímeis nem curiosas. Sua marca é a segurança e rigor científico. Portanto o leitor pode ficar certo de que não será levado a dar seu tempo para conjecturas de poucos resultados.

O capítulo primeiro, "Para conhecer Paulo" orienta o leitor para os Escritos Paulinos em sua diversidade, entre cartas autênticas ou protopaulinas, e as demais, chamadas deuteropaulinas. Sobre São Paulo apareceram cinco textos apócrifos, obras curiosas como uma suposta carta de São Paulo a Sêneca, e várias outras, das quais a mais conhecida é o texto lendário chamado "Atos de Paulo e Tecla", datado do século II d.C. Também indica autores da antiguidade para complementar nosso conhecimento de São Paulo, como Flávio Josefo e Philo Alexandrino. Para a cronologia da vida e obra de São Paulo, indica os documentos históricos seguros encontrados até hoje. Por fim oferece uma cronologia em que o nascimento de São Paulo é posto entre 5 e 10 d.C.; a estadia de São Paulo em Damasco seria entre os anos 34 e 35, o "Concílio" de Jerusalém seria entre 49 e 50, sua prisão e morte em Roma entre 61 e 63 d.C. Os leitores verão como estas cronologias paulinas diferem em muito de autor para autor. Provavelmente nunca se chegará à certeza.

O segundo capítulo se intitula: "O perfil humano de Paulo" responde às questões básicas que todo leitor de São Paulo se coloca: sua origem e formação judaica, greco-romana, condição civil, traços de sua personalidade e condição matrimonial. Neste último ponto o A. traz uma hipótese razoável: depois de convertido ao cristianismo São Paulo ter-se-ia separado de sua esposa, que talvez preferisse continuar judia. Separar-se de sua esposa não era um fato estranho ao judaísmo, uma vez que por razões superiores isto se justificasse. São Paulo justifica a separação do cristão em 1Cor 7,15, desde que, casado antes do batismo, não seja aceito por sua

esposa descrente. Pode ser esta a explicação mais provável do celibato de São Paulo, uma vez que estaria casado, enquanto rabino, antes da conversão em Damasco. Ricos de informações neste capítulo são os itens “A humanidade de Paulo” e “A personalidade de Paulo”.

O terceiro capítulo, “Escolhido para o Evangelho” concentra-se propriamente no Evangelho que São Paulo atribuía a si mesmo, originado na revelação de Deus e do Filho a ele, Paulo, apóstolo. Não se concentra na autocompreensão que São Paulo mesmo tem de si como apóstolo. Assim neste capítulo o A. comenta Rm 1,16-17; 10,1-8, Gl 3,23 – 4,7, Gl 5,1-6.13-22. Aí está o essencial da pregação paulina quanto ao que São Paulo mesmo chama de “meu Evangelho” (Rm 2,16).

O relacionamento de São Paulo com Cristo enquanto seu Senhor é o assunto do quarto capítulo: “Paulo, servo de Jesus Cristo”. São Paulo o entende como um serviço sagrado, descrito como “diaconia” (1Cor 3,5; 2Cor 3,6, cf. Cl 1,7; 4,7). Nesta missão São Paulo presta serviço “litúrgico a Deus”, Rm 1,9, porque leva os convertidos a serem oblação agradável e santificada pelo Espírito Santo: Rm 15,15-16. São Paulo está disposto a oferecer sua própria vida em oferta sacrificial, Fl 2,17; 3,3. Esta oferta de si mesmo se evidencia em seu serviço a todos aos quais Deus o envia (2Cor 4,5); por isso se sustenta sem ser peso a ninguém (1Cor 9,1-18). Isto provoca o surgimento de imitadores nas comunidades, seus colaboradores, com o mesmo espírito (1Cor 3,9; 2Cor 6,1). Foi por isso que se lançou em viagens por mais de dez mil quilômetros, até os confins da terra.

O quinto capítulo trata das cartas paulinas: “As cartas de Paulo às igrejas”. Aqui é explicada a função das cartas na evangelização, e em seguida notícias sobre cada uma delas em função específica de cada comunidade: Tessalônica, Corinto, Filipos, Galácia, Roma, igrejas da Ásia em torno de Éfeso, o bilhete a Filêmon e as chamadas “cartas pastorais”.

O sexto capítulo já se orienta à conclusão, porque atinge o âmago da vida espiritual de São Paulo: “Para mim viver é Cristo”; aqui o A. mostra como São Paulo lia a Sagrada Escritura, seu conhecimento e relacionamento pessoal com Cristo, a descoberta do melhor caminho na vida da fé, a “agápe” (1Cor 13,1-13), sua incorporação a Cristo, a Igreja: Gl 3,27-28; Rm 6,4-5; sob a ação do Espírito Santo: Rm 5,5; Gl 4,6; muitos membros em unidade vital: 1Cor 12,13. Por fim, a razão da esperança cristã: a vinda gloriosa de Cristo no fim dos tempos: 1Ts 4,17; 1Cor 15,52. Somente então é que saberemos, finalmente, o que a Ressurreição significa.

Uma conclusão acentua a necessidade de maior conhecimento da teologia paulina. É uma observação da maior importância por suas consequências. Mais ainda, o A. presta um serviço a todos nós: indiretamente nos adverte, a católicos, para conhecermos mais profundamente a teologia paulina, porque os protestantes a conhecem muito melhor. Os seminaristas estu-

dam a teologia paulina apenas por 4 meses nos cursos de graduação. É pouco demais para uma teologia tão rica e ampla, complexa e indispensável fonte de toda reflexão teológica e espiritual de que a Igreja necessita tanto hoje.

Espera-se que uma editora católica traga, com urgência, a tradução desta obra ao público do Brasil, antes que termine este Jubileu Paulino.

*Valdir Marques SJ*

---

DECLoux, Simon: «¡Creed en el Evangelio!»: Ejercicios de ocho días con San Marcos. Tradução do original francês por Milagros Amado Mier e Denise Garnier. Santander: Sal Terrae, 2008. 167 pp., 21,4 X 13,3 cm. Col. Pastoral, 83. ISBN 978-84-293-1761-9.

---

A conversão de Santo Inácio vincula-se profundamente à experiência dos mistérios da vida de Jesus. Desde o início, fascinou a Inácio de Loiola a figura do homem Jesus. Viveu um itinerário espiritual que mais tarde se traduziu no livro dos Exercícios Espirituais. Este lhe serviu de roteiro para outros e para nós até o dia de hoje. Na sua base está a vida de Jesus Cristo. As segunda, terceira e quarta semanas fundamentalmente se concentram na contemplação dos mistérios de Jesus. Fê-las preceder por uma semana de purificação para que o exercitante se inserisse com maior liberdade interior no cerne da vida de Jesus.

Decloux, afeito à experiência dos Exercícios, escreveu roteiros para o retiro de oito dias à base exclusivamente dos três sinóticos. Este é o terceiro volume, tendo o evangelho de Marcos como texto estruturante. No meio jesuítico, Decloux é muito conhecido, tendo sido um dos colaboradores diretos do Padre Geral Pedro Arrupe na qualidade de assistente geral, depois de ter sido provincial na Bélgica. Hoje exerce a função de formador de jovens religiosos e sacerdotes no Congo-Kinshasa.

Conhecedor profundo do livro dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio e experimentado orientador de retiro, ele nos organiza uma leitura de todo o evangelho de São Marcos em vista de um retiro de oito dias. Propõe para cada um dos dias dois subsídios que alimentam muito bem duas meditações, perfazendo, portanto, o quadro de quatro meditações diárias conforme a tradição inaciana.

Inicia com uma introdução a partir de Mc 1,1 que cria o clima para todo o retiro e oferece umas primeiras orientações. No fundo, trata-se de pôr-nos em oração para “encontrar de verdade o Senhor” em espírito de recolhimento, não nos afastando da vida, mas trazendo-a para dentro de nós

à luz de Deus. No caso, será seguir o caminho do evangelho de São Marcos. Em outros livros, ele fez o mesmo com Mateus e Lucas.

Para cada dia, escolhe perícopes de dentro de cada capítulo para as duas exposições, que servem de matéria para as meditações. Não faz nenhuma leitura cursiva de todo o evangelho, mas localiza as passagens selecionadas no contexto do capítulo. Como intenção principal, percorre-se o caminho que o próprio Marcos traçou de capítulo para capítulo a fim de “encontrar o Senhor Jesus”. Em cada capítulo de Marcos, o A. se fixa em um ou dois textos principais.

O evangelho de Marcos propicia maior proximidade ao Jesus histórico devido à sua natureza de ser o mais antigo e de relatar os fatos com vivacidade. Transparece um Jesus que fala com autoridade e impressiona, ao realizar milagres, fatos extraordinários. Jesus interpela e questiona quem entre em contacto com ele. A proximidade de Jesus, homem livre, afeta diretamente o leitor. O retiro pretende descobrir e redescobrir a Jesus a fim de que ele nos faça mergulhar na verdade de nossa vida. O retiro acontece pelo encontro de duas verdades: a verdade do Senhor e a nossa verdade existencial. Dele surgem a conversão, as mudanças, as decisões, as moções.

No Jesus de Marcos, o exercitante se defronta com alguém no extremo de sua humanidade. E nela ele revela outra dimensão do ser humano. Aqui vale bem a bela frase de L. Boff: “humano assim, só pode ser Deus mesmo”. Os exercícios se fazem à luz dessa dupla verdade: a extrema humanidade de Jesus e nela a revelação de sua condição divina. Daí que ela nos desperta para a dupla dimensão de nossa existência: alguém da terra, mas com vocação para o céu. Na imanência de nossa história, aspiramos à Transcendência. Jesus se mostra alguém de profunda abertura à vida humana e à vida de Deus, cujo Reino ele anuncia. Essa dupla dimensão atravessa os oito dias de exercícios.

Não se trata de um livro para ler a fim de aprender algumas ideias sobre Jesus Cristo. Está pensado para ser meditado e rezado. As explicações que Decloux oferece visam a que meditemos e contemplemos as cenas evangélicas descritas por Marcos e dela aprendamos a autenticidade de uma vida humana em face da vida divina que Jesus nos revela. Sobre essa bitola deslizam as meditações. Vida divina e verdade de Deus, de que Jesus se faz caminho, fulgem como duas estrelas orientadoras do retiro.

Aconselho o livro como companheiro do retiro seja no estilo inaciano estrito de oito dias de silêncio seja na vida corrente. Nesse último caso, alguém pode tomá-lo para meditar durante um mês com enorme proveito e assim aprofundará o conhecimento de Jesus na perspectiva marcana.

*João Batista Libanio SJ*